



## Replica 1

**RADU TURCANU**

(CIG 2023-2024, AME EPFCL-França)

### A transmissão em questão no passe

Quanto ao procedimento do passe, é útil recordar o que Lacan transmitiu num *Comunicado do júri de aprovação a todos os membros da Escola, 1969 (Wunsch n.º 11, p. 74)*: “A decisão do júri de aprovação, em uma palavra, se passa no limite que separa o desempenho da competência. É claro que a competência se inaugura pela performance que nunca é apenas particular da psicanálise.”

No passe, os testemunhos acontecem na presença dos protagonistas: o passante com os passadores e os passadores com os membros do cartel do passe. Os riscos são altos, pois o que está em jogo é o próprio futuro da psicanálise como uma experiência singular do ser humano. O passe verifica a passagem de analisando à analista. É assim que a performance de um percurso analítico é mensurada sem excluir a comunidade da Escola de Psicanálise que mobiliza, colocando a trabalho, e que nomeia, reconhecendo os pontos de cruzamento de uma análise, bem como as contribuições para a psicanálise em intensão e extensão.

Este procedimento também mede a possível *competência* do analisando para deixar uma posição na transferência que corresse o risco de se tornar cômoda e se aventurar no desconhecido, após ter expulsado o analista de seu lugar. Apenas para “pousar”

neste mesmo lugar inverossímil, de onde será expulsi por sua vez pelo seu ex-émulo emancipado da transferência.

Quando se trata de decidir qual é a prova dessa passagem, com base nas trocas cruzadas entre passadores e passante e entre membros do cartel e os passadores, o cartel fica apenas com restos, precipitados. E é a partir desses restos que tomamos nota de uma transmissão, com sua lógica singular e rastreável, na experiência do passe. Como dizia um analisando que duvidava de sua “competência” paterna: “Eu verifico o que transmitti aos meus filhos a partir do que eles fazem e dizem quando estou ausente”.

Com um pouco de sorte, os cartelistas podem testemunhar o surgimento de uma fala preciosa e precisa, de uma formulação inesperada. Por exemplo, a explicação em dois tempos do fim de uma análise. Primeiro, em relação à inconsistência e incompletude do Outro, tempo necessário, mas não suficiente. Segundo, como um atravessamento do plano da angústia de castração, esta rocha intransponível, segundo Freud. É esta travessia da angústia, quando o corpo é vivamente convocado, que só permite a emergência de um desejo inaudito que vai além do dito rochedo: o desejo de analista, isolado por Lacan e que separa radicalmente a posição subjetiva do analisante da de semblante do objeto causa do desejo.

A transmissão se dá, assim, como uma passagem de testemunho, aqui de um saber que se impõe uma vez que os atores principais saem. Como atores secundários, os membros do cartel têm a tarefa de encontrar os ossos do que se tramou como saber através dos encontros e trocas. E isto não só com base na sua experiência como analistas, muitas vezes experientes, mas também, e talvez sobretudo, a partir da sua experiência direta com passadores e como sujeitos divididos, se nos atermos à ideia de que ocupamos o lugar de analista na sessão e com o analisante.

Surge, portanto, a questão afiada do que o passante e os passadores transmitem através da sua escuta e da sua enunciação. Essa transmissão se realiza certamente, em estilos e vivências particulares e através de posições de divisão subjetiva assumidas diferentemente, mas que se verifica cada vez que dela são estraidas algumas fórmulas felizes e esclarecedoras, às vezes à maneira do chiste. Essa extração então prova e dá a certeza de uma mudança de posição: do sujeito da busca analisante para o objeto encarnado do desejo de analista.

**Continua...**

**Traduzido por: Carolina Moreirão (Amsterdam, 16/01/25)**

Próxima réplica: Daphné Tamarin (CIG 2025-2026, AME EPFCL, Fórum de Londres)

[www.champlacanian.net](http://www.champlacanian.net) et [www.forumlacan.it/iv-convegno-europeo-if-epfcl/](http://www.forumlacan.it/iv-convegno-europeo-if-epfcl/)